

“ESTOU FORMADO(A), E AGORA?”: uma análise sobre o sofrimento psíquico de desempregados recém-formados em instituições de nível superior em São Luís-MA*¹

“I AM GRADUATED AND NOW?” an analysis about the psychological suffering of unemployed newly graduated people from higher education institutions in São Luís-MA

"ESTOY GRADUADO(A), ¿Y AHORA?": un análisis del sufrimiento psíquico de los desempleados recién graduados en instituciones de nivel superior en São Luís-MA

*Alynne Virginya de Queiroz Lima
Manoel William Ferreira Gomes*

Resumo: Analisa como o desemprego afeta a subjetividade de indivíduos recém-formados em Instituições de nível superior, em São Luís-MA. Fez-se uma pesquisa de campo, com entrevistas estruturadas com recém-formados, que estão fora do mercado de trabalho formal ou fora da sua área de formação. Posteriormente, analisaram-se os dados coletados a partir do método da análise de conteúdo, correlacionando-os com a base teórica da Psicodinâmica do Trabalho. Partindo-se dessa discussão e utilizando-se a análise dos dados qualitativos, comprova-se a existência de sofrimento psíquico nos desempregados recém-formados e a utilização de estratégias defensivas para minimizar os impactos psicológicos do desemprego.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico. Recém-formados. Desemprego. Trabalho.

Abstract: Examines how unemployment affects the subjectivity of newly graduated individuals in the high education institutions of the city of São Luís – Maranhão. A research with structured interviews was done involving the newly graduated ones out of the labor market or out of their graduation area. Afterwards, collected data were analyzed from the point of view of analysis content methodology relating them to work psychodynamics base theory. Starting from that discussion and using the analysis of quality data, it was proven the presence of psychological suffering by the unemployed newly graduated and the use of defensive strategies to minimize unemployment psychological impacts.

Keywords: Psychological sufferance. Newly graduated. Unemployment. Work.

Resumen: El objetivo principal de este trabajo es examinar cómo el desempleo afecta a la subjetividad de los individuos recién graduados en las instituciones de educación superior en San Luís-MA. Hubo un estudio de campo, con entrevistas listas con recién graduados fuera del mercado formal de trabajo o fuera de su área de formación. Posteriormente, se analizaron los datos obtenidos por el método de análisis de contenido, correlacionándolos con los fundamentos teóricos de la Psicodinámica del Trabajo. A partir de esta discusión y con el análisis de datos cualitativos, pruebese la existencia del sufrimiento psicológico entre los recién graduados desempleados y el uso de estrategias defensivas para reducir al mínimo los efectos psicológicos del desempleo.

Palabras clave: Malestar psicológico. Recién graduados. Desempleo. Trabajo.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é um fenômeno estruturante do psiquismo humano, responsável pelo processo de formação da identidade não somente laboral, mas também pessoal e social, além de uma oportunidade de reconhecimento, autorrealização, formação de relações sociais e uma fonte de remuneração. O trabalho delimita, ainda, sua diferença na sociedade por meio da divisão entre trabalhadores e desempregados,

pois aqueles que fazem parte da esfera produtiva são valorizados em detrimento daqueles que estão fora do modo de produção capitalista.

Atualmente, o desemprego cresce entre as camadas até então protegidas pelo mercado de trabalho, tais como trabalhadores escolarizados, profissionais experientes, ocupantes de cargos de chefia e gerência, jovens, inclusive os que possuem diploma de nível superior. Isso ocorre devido ao processo de reestruturação produtiva do mercado de trabalho a partir da década de 90, além do avanço do Neoliberalis-

* Artigo recebido em agosto 2010
Aprovado em dezembro 2010

mo em todo o mundo. As mudanças ocorridas no mercado são as mais diversas, a exemplo da expansão das terceirizações e dos contratos temporários, da redução dos postos de trabalhos, da ocupação de um grande número de trabalhadores em trabalhos precários, informais e subempregos, além de outras perdas, como decréscimos nos salários.

O crescimento do desemprego entre os mais escolarizados tem promovido discussões acerca da eficácia do diploma como uma solução para o desemprego. Nesse sentido Tanguy (1999, p.51-52) comenta:

[...] o diploma, em si, está longe de ser uma proteção contra o desemprego, uma vez que um aumento geral dos níveis de formação não exclui um aumento geral das taxas de emprego nessa faixa etária. Assim, conseguiu-se corrigir, em meados dos anos 90, uma idéia socialmente aceita, ao constatar que o diploma é uma condição necessária, porém não suficiente, para se ter acesso ao emprego e que ele não 'protege' do desemprego senão de modo relativo.

Desse modo, o diploma de terceiro grau pode ser necessário em nossa sociedade capitalista, mas não constitui uma garantia para inserção imediata no mercado de trabalho. Ainda, segundo a mesma autora:

A crença na formação como um instrumento de resolução dos problemas do emprego está na base do dispositivo de inserção social e profissional dos jovens. Quase duas décadas de persistência do desemprego destes revelam, contudo, que, para essa população, a formação era antes um substituto do emprego, uma senha numa fila mais ou menos comprida. No final das contas, a transição para cima operada em matéria de educação e de formação com fins de ajuste ou de antecipação dos movimentos do emprego teve por efeito o de intensificar a concorrência no mercado de trabalho entre categorias de diplomados, avaliados de acordo com o nível de seus diplomas e não de acordo com suas competências efetivas (TANGUY, 1999, p. 65).

Devido ao aumento no número de pessoas com diploma, principalmente entre os jovens, houve também um aumento na concorrência no mercado de trabalho que apresenta dificuldades em absorver o volume de indivíduos que conclui o ensino superior. Nesse contexto, Segnini (2000, p. 76) ressalta o seguinte: "[...] os jovens no Brasil, assim como em outros países do mundo, constituem o grupo social mais escolarizado e mais desempregado, ou, mesmo, inserido em trabalhos precários".

A respeito dos jovens desempregados, Schaff (1992 apud PADILHA, 2000, p. 42) afirma:

Para eles [desempregados] o trabalho significa hoje o símbolo de sua autonomia, de sua integração social e o caminho para sua ascensão social. Quando este atrativo falha, desaparece também o estímulo para aprender e a vida se vê envolvida por um 'vazio existencial'

caracterizado pelo tédio, que se expressa também na falta de interesse pelo que acontece na vida pública.

Ainda comentando o desemprego, outros autores como Giatti e Barreto (2006, p. 100) afirmam que:

O desemprego é provavelmente o principal fator que leva à exclusão social. Os trabalhadores excluídos da economia formal são forçados a ganhar a vida em ocupações precárias ou, após muito tempo sem trabalho, são atingidos pela exclusão, numa escala descendente entre inclusão, inclusão precária e exclusão.

É por isso que, diante do medo existente em torno do desemprego, o indivíduo utiliza diversos meios para conseguir qualquer trabalho que possa gerar remuneração, independentemente de ser um emprego formal ou não, caracterizando a chamada empregabilidade. Segundo Minarelli (1995, apud POS-SAMAI; CAVAGNOLI; SPADA, 2000, p. 110), este termo refere-se à "[...] capacidade de prestar serviços e obter trabalho". Advém, ainda, desse novo conceito a exigência de que o sujeito tenha não só capacidade técnica, mas também características comportamentais, tais como dinamismo, criatividade, flexibilidade, iniciativa e pró-atividade.

Assim, com a introdução do termo em questão, os indivíduos que apresentarem tais características terão mais chance de conseguir um emprego em oposição àqueles que continuarem desprovidos de capacitação técnica e atributos pessoais, restando a estes apenas os subempregos e trabalhos precários, pois a empregabilidade tornou-se "[...] palavra-fetiche que o capital usa para transferir aos trabalhadores as necessidades de sua qualificação, que anteriormente eram em grande parte realizadas pelo capital" (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 347). Tal fator reflete a postura atual dos indivíduos na realização de um curso de nível superior.

Realizou-se, assim, este trabalho de pesquisa que tem o intuito de adentrar à discussão do desemprego, mais precisamente dos recém-formados que ainda não se inseriram no mercado de trabalho formal. Ao ingressar em uma Universidade, o indivíduo busca uma formação para conquistar um lugar no mercado, pois atualmente o curso superior é considerado como um dos principais meios para inserção no mercado de trabalho, permitindo a conquista de um emprego melhor, com maior remuneração, além do valor que o mesmo possui na sociedade. No entanto, ao terminar a faculdade, o cidadão se depara com a realidade do mercado para sua área, podendo ser facilmente absorvido por ele ou não. Para tanto, torna-se essencial

indagar como o desemprego afeta a subjetividade do sujeito e se é o responsável pelo seu adoecimento do ponto de vista psicológico.

Aliado a isso, objetivou-se identificar as principais angústias advindas desse processo de não ingresso no mercado de trabalho e quais estratégias estão sendo empregadas na minimização de seu sofrimento. Segundo Dejours (1996), o sofrimento psíquico no trabalho pode ser transformado em um sofrimento patológico ou em um sofrimento criativo, podendo o indivíduo reagir de maneira saudável, (re)criando o seu comportamento laboral e procurando superá-lo ou o mesmo pode reagir de maneira patológica, dando vazão ao seu sofrimento e ficando, por essa razão, paralisado.

2 HISTORICIZANDO O TRABALHO NO CONTEXTO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

Nos últimos tempos, diversos profissionais contribuíram para o estudo e o entendimento do sofrimento psíquico no espaço das organizações. As pesquisas envolvem a cultura organizacional, as relações de trabalho, o tipo de atividade realizada, cargos com elevada exigência profissional, dentre outros. Já o sofrimento psíquico daqueles que não se encontram em um ambiente de trabalho formal, isto é, dos desempregados, ainda é pouco estudado. Por isso, o enfoque dado neste estudo será o sofrimento psíquico do desempregado. Para se obter essa compreensão será apresentada a teoria de Christophe Dejours.

Christophe Dejours criou, a princípio, uma escola chamada Psicopatologia do Trabalho, uma clínica destinada ao estudo das doenças mentais geradas pelo trabalho. Seu interesse centrava-se nas dinâmicas que conduziam ora ao prazer, ora ao sofrimento, culminando na patologia mental ou psicossomática. Diante do reducionismo promovido por essa escola, uma nova conotação foi utilizada para correlacionar o trabalho e as doenças mentais. O enfoque deixou de ser uma relação saúde/doença para as estratégias elaboradas para enfrentar as situações de trabalho (DEJOURS, 1996).

Desse modo, no início dos anos 80, a Escola da Psicopatologia do Trabalho assumiu a denominação de Psicodinâmica do Trabalho, cujo objeto de estudo é o sofrimento e as estratégias utilizadas contra as doenças de etiologia laboral. O sofrimento perde sua conotação estritamente negativa, que favorecia a doença, adquirindo uma nova significação com elementos patogênicos e criativos. Dejours (1996, p.

150) trabalha, portanto, com a noção de sofrimento patogênico e sofrimento criativo dos trabalhadores, conforme definição abaixo:

Em sua luta contra o sofrimento, o sujeito chega a elaborar soluções originais que são em geral favoráveis simultaneamente à produção e à saúde: caracterizamos então esse sofrimento denominando-o sofrimento criativo. Ao contrário nessa luta contra o sofrimento, o sujeito pode chegar a soluções desfavoráveis à produção e desfavoráveis também a saúde. O sofrimento será então qualificado como sofrimento patogênico.

A respeito do sofrimento criativo e patogênico e sua relação com o trabalho, Dejours, Abdouchelt e Jayet (1994, p.137) ressaltam que

O sofrimento é inevitável, seja no ambiente privado, seja no trabalho. Quando ele pode se transformar em criatividade, traz uma contribuição que beneficia a identidade. Acaba por aumentar a resistência do sujeito ao risco de adoecimento psíquico ou somático. O trabalho, então, funciona, como um mediador de saúde. Quando ao contrário, a situação de trabalho, as relações sociais no ambiente e as escolhas gerenciais empregam o sofrimento no sentido patogênico, este passa a funcionar como um mediador da desestabilização e fragilização da saúde.

Em vista do exposto, "o trabalho tem efeitos poderosos sobre o sofrimento psíquico. [...] a tal ponto que, em certas situações, o indivíduo que trabalha preserva melhor sua saúde do que aquele que não trabalha" (DEJOURS, 2006, p. 21). Por esse motivo, a análise do sofrimento perpassa não só o universo dos trabalhadores e seu ambiente de trabalho, mas também dos desempregados que se encontram excluídos do processo de produção.

Outros autores também trazem contribuições acerca do sofrimento psíquico dos trabalhadores, como Ferreira e Mendes, (apud BARROS; MENDES, 2003, p.65), os quais definem o sofrimento como uma "[...] vivência intensa e duradoura, na maioria das vezes inconsciente, de experiências dolorosas como angústia, medo e insegurança, oriundas do conflito entre necessidades do indivíduo e restrição no ambiente de trabalho". Dentre as situações que favorecem as vivências de sofrimento destacam-se o tipo de organização, as condições e as relações de trabalho. Tais situações sinalizam o sofrimento no trabalho e podem manifestar-se "[...] por meio de sintomas de ansiedade, insatisfação, indignidade, inutilidade, desvalorização e desgaste" (FERREIRA; MENDES apud BARROS; MENDES, 2003, p. 65).

Em seu livro "A banalização da injustiça social" Dejours (2006) apresenta algumas formas típicas de sofrimento no trabalho. São elas: medo da incompetência, a pressão para

trabalhar mal e a falta de reconhecimento. O medo da incompetência se faz presente em situações onde o trabalhador não sabe se suas falhas se devem à sua incompetência ou a defeitos do sistema técnico. Assim, a angústia e o sofrimento se fazem presentes na medida em que o indivíduo sente medo de ser incompetente, de não estar à altura do seu cargo ou não ser capaz de enfrentar situações incomuns, as quais exigem grande responsabilidade.

No que se refere à pressão para trabalhar mal, o sofrimento surge em circunstâncias desfavoráveis no ambiente de trabalho. Não está em jogo a competência nem a habilidade em executar determinada função, mas obstáculos presentes no ambiente social, tais como falta de cooperação entre os colegas e a sonegação de informações. Por fim, a falta de reconhecimento é também geradora de sofrimento. Ao executar uma determinada função, existe um dispêndio de energia e um investimento pessoal por parte dos trabalhadores que esperam um reconhecimento pelo seu trabalho (DEJOURS, 2006).

Apesar de alguns estudos identificarem fatores no trabalho responsáveis pela vivência de sofrimento psíquico, não há como se obter um resultado de antemão sobre o porquê do trabalho ser ora patogênico, ora estruturante, pois "[...] depende de uma dinâmica complexa cujas principais etapas são identificadas e analisadas pela Psicodinâmica do Trabalho" (DEJOURS, 2006, p. 21). Assim, cada situação que envolva sofrimento psíquico no trabalho deve ser analisada de maneira única pela Psicodinâmica do Trabalho, já que as dinâmicas que se impõem divergem de um local para o outro e entre os indivíduos.

Além do estudo sobre sofrimento patogênico e criativo, a Psicodinâmica do Trabalho buscou investigar de que maneira os trabalhadores conseguiam permanecer no campo da normalidade e evitavam transformar seu sofrimento em adoecimento. Isso foi possível a partir da definição das estratégias defensivas. Outros aspectos estudados por esta escola francesa são a mobilização da inteligência, os mecanismos de cooperação, o reconhecimento, a vontade e a motivação.

De acordo com Dejours, Abdouchelt e Jayet (1994, p. 128) as estratégias defensivas "levam à modificação, transformação, e, em geral, à eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer". Devido às modificações ocorridas ao longo do tempo no mercado de trabalho e no interior das organi-

zações, a utilização dessas estratégias torna-se fundamental na proteção contra o sofrimento e manutenção do equilíbrio psíquico, isso porque segundo Barros e Mendes (2003, p. 64)

As empresas exigem um profissional competente e competitivo, polivalente e criativo, mas nem sempre fornece um suporte organizacional promotor da saúde no trabalho. Diante dessa situação, é visível a distância entre o que a organização espera e prescreve (tarefa) e o que o trabalhador realiza (atividade). Nessa perspectiva, ele é obrigado a utilizar estratégias de mediação a fim de atender às demandas da empresa e manter sua empregabilidade e integridade física e psíquica.

Por isso, é importante que o indivíduo lute contra o seu sofrimento, e, conseqüentemente, seu adoecimento, procurando superá-lo a partir dessas estratégias, já que as empresas contratantes exigem cada vez mais dos seus trabalhadores, embora estas não ofereçam recursos materiais, financeiros e humanos condizentes com o grau elevado de exigência no desempenho das tarefas.

Dentre as estratégias defensivas consideradas por Dejours, Abdouchelt e Jayet (1994) têm-se aquelas construídas e empregadas pelos trabalhadores coletivamente (estratégias coletivas) e aquelas construídas e empregadas por cada indivíduo em sua singularidade (estratégias individuais). Para os autores acima a diferença entre as estratégias individuais e coletivas é que "o mecanismo de defesa está interiorizado, ou seja, ele persiste mesmo sem a presença física de outros, enquanto a estratégia coletiva de defesa não se sustenta a não ser por um consenso, dependendo assim, de condições externas" (DEJOURS; ABDOUCHELT E JAYET, 1994, p. 129). Assim, o sofrimento gerado no trabalho é vivenciado de maneira única por cada indivíduo, podendo cada um criar sua estratégia defensiva, ou unir esforços para construir uma estratégia em comum.

E os recém-formados que se encontram fora do mercado de trabalho utilizam que tipo de estratégias para a minimização do seu sofrimento? Ou será que os mesmos não as utilizam? Apesar da ênfase dada as estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores em seu ambiente de trabalho, não se pode ignorar que os indivíduos desempregados também se utilizem de algumas estratégias para manter seu equilíbrio psíquico e evitar o seu sofrimento.

3 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo central deste trabalho é indagar e analisar como o desemprego afeta a subjeti-

vidade de indivíduos recém-formados em Instituições de nível superior em São Luís-MA. De forma mais específica, procurou-se averiguar a função social do trabalho no processo de reconhecimento do indivíduo na sociedade capitalista e identificar as principais estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico nos recém-formados.

3.1 Metodologia

Este estudo consiste na apresentação parcial de dados referentes à pesquisa monográfica defendida pela autora para obtenção do grau de Psicóloga. O projeto foi submetido ao parecer técnico de uma comissão do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, obtendo aprovação para sua realização. O trabalho em questão situa-se no campo das pesquisas qualitativas, em que se enfatiza a fala dos entrevistados para explicar determinado fenômeno, pois como explica Michel (2005, p. 33) “[...] há termos nas respostas dadas tão carregadas de valores, que só um participante do sistema social estudado, que vive e conhece a realidade daquele grupo, pode compreendê-los e interpretá-los”.

Utilizou-se o método de *Análise de Conteúdo*, por ser o mais adequado a responder às questões trabalhadas nesta pesquisa, de natureza qualitativa. Entende-se por análise de conteúdo

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (BARDIN, 1977, apud TRIVIÑOS, 1987, p. 160).

Desse modo, a opção por este método pauta-se na possibilidade de realizar um recorte das falas dos entrevistados, ressaltando os pontos principais, além de poder compará-las e agrupá-las em categorias, de acordo com suas semelhanças e diferenças, a fim de confrontar com a bibliografia levantada.

Ao utilizar este método é importante primeiramente uma leitura do material visando à organização dos dados e ideias para que, posteriormente, seja feita a análise dos elementos, bem como a verificação de regras e categorias que as determinam. De acordo com Richardson et al. (1999), a análise do conteúdo visa a uma melhor compreensão do discurso, aprofundamento de características, isto é, aquelas cognitivas, ideológicas, gramaticais, dentre outras, e ainda a extração dos momentos mais relevantes para a interpretação dos dados. Então, ela

deve basear-se em teorias relevantes, servindo de sustentação para a explicação das descobertas e hipóteses do pesquisador.

Para o alcance dos objetivos da pesquisa e compreensão do tema, escolheu-se a entrevista estruturada, que se caracteriza por apresentar um roteiro prévio de perguntas, que contém um número limitado de categorias de respostas. Segundo Gil (1999, p.121), a entrevista estruturada “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados”. A opção pela entrevista estruturada está relacionada ao método da Análise de Conteúdo, pois conforme ressaltam Richardson et al. (1999, p. 232) “[...] todas as entrevistas devem referir-se ao mesmo tema; devem ter sido realizadas utilizando-se técnicas idênticas e entrevistando-se sujeitos que possam ser comparados”.

A amostra consistiu de quatro sujeitos recém-formados, desempregados, oriundos de Instituições de nível superior de São Luís-MA. Para participar da pesquisa os participantes deveriam estar formados há pelo menos seis meses e no máximo três anos, e se encontrarem fora do mercado de trabalho formal (desemprego aberto) ou exercendo trabalhos fora da área de formação, informais e subempregos (desemprego por trabalho precário).

As questões orientadoras para os desempregados recém-formados foram elaboradas a partir da definição de categorias, sugeridas pela literatura sobre *Psicodinâmica do Trabalho* de Dejours, Abdouchelt e Jayet (1994), sendo elas:

- a) significado do Trabalho: valor atribuído ao trabalho;
- b) efeitos do sofrimento no indivíduo: consequências atribuídas às situações de sofrimento;
- c) formas de lidar com o sofrimento: estratégias defensivas, utilizadas para lidar com o sofrimento, positivo e negativamente.

Procurou-se uma Consultoria de Recursos Humanos de São Luís e o Sistema Nacional de Empregos do Maranhão (SINE-MA) como parceiros na seleção dos participantes da pesquisa. Desse modo, colocou-se um anúncio sobre o tema da pesquisa na recepção dos dois órgãos, com uma ficha de participação. Os interessados colocavam seus dados pessoais na ficha e depositavam-na em um envelope. Posteriormente, realizou-se o contato via telefone e marcou-se a data e o local para a realização da entrevista daqueles que se enquadravam

no perfil da amostra. Um termo de consentimento livre era apresentado ao participante e assinado por ele.

Conforme a fundamentação do método da Análise de Conteúdo e da sugestão da Psicodinâmica do Trabalho, as categorias de análise foram a caracterização da amostra, o significado do trabalho, os efeitos do sofrimento no indivíduo e as formas de lidar com o sofrimento, descritas a seguir.

Entrevistaram-se quatro recém-formados. A primeira, uma jovem com a idade de 24 anos, solteira, reside com os pais. Graduiu-se em Pedagogia pelo Centro Universitário do Maranhão (UniCEUMA), no final do ano de 2004, é Pós-graduada em Psicopedagogia e exerce atividade remunerada na área de vendas (E1). A segunda, com a idade de 26 anos, solteira, reside com os pais. Formada em Turismo, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em agosto de 2006, ensina particular e ajuda a mãe em uma barraca de comidas típicas na própria residência (E2). A terceira, com a idade de 38 anos, solteira, reside com a tia. Cursou Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), no final do ano de 2004. Pós-graduada em Psicopedagogia desenvolve uma função de nível médio em regime de contrato (E3). O último tem 38 anos, casado, reside com a esposa e filhos. É graduado em Gestão de Segurança do Trabalho pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em 2006. Encontra-se desempregado (E4).

3.2 Discussão e resultados

A pesquisa permitiu investigar a definição do trabalho e sua importância para a vida das pessoas. O intuito do primeiro questionamento foi analisar se o significado do trabalho se aproximava do mesmo apontado na literatura, ou seja, que o trabalho, além de representar um fator estruturante do psiquismo humano, teria uma dupla função: um sistema de referência do indivíduo na sociedade e também um sistema de valor monetário. Quanto ao segundo questionamento, objetivou-se analisar a importância do trabalho e sua função social no processo de reconhecimento do indivíduo na sociedade capitalista.

De acordo com Heloani e Lacman (2004, p. 78):

O trabalho é mais do que o ato de trabalhar ou de vender sua força de trabalho em busca de remuneração. Há também uma remuneração social pelo trabalho, ou seja, o trabalho enquanto fator de pertinência a grupos e a certos direitos sociais.

O trabalho possui, ainda, uma função psíquica, enquanto um dos grandes alicerces da constituição do sujeito e da sua rede de significados.

Quanto à definição do trabalho apontada pelos entrevistados esta perpassou pelo valor econômico, no sentido da remuneração e sobrevivência daqueles que o possuem, permitindo ser um consumidor daquilo que é oferecido na sociedade e também um destaque quanto ao valor positivo do trabalho, como fonte de prazer para quem o tem. A entrevistada (E4) assim definiu trabalho: *É tudo aquilo que a gente faz com prazer para ter um retorno financeiro, pra que a gente possa usufruir de tudo o que mundo nos oferece, pra mim isso é trabalho.*

Outro entrevistado (E1) ousou uma definição mais elaborada do trabalho, perpassando pela remuneração, prazer, qualidade de vida, segurança, dentre outros. Disse: *Trabalho para mim é uma atividade que a gente possa exercer que tenha fins lucrativos, mas que a gente possa exercer com prazer, que a gente possa exercer tendo uma boa qualidade de vida, uma segurança que já vai poder a partir daquele trabalho está desfrutando, está vivendo e não sobrevivendo, como a maioria dos brasileiros hoje em dia sobrevive.*

No quesito sobre o valor atribuído ao trabalho, houve uma diversidade maior nas falas dos entrevistados. De um lado, a importância do trabalho se remeteu mais uma vez a uma questão econômica, como fonte de remuneração e sobrevivência em nossa sociedade e ao seu valor positivo, como fonte de prazer. Assim definiu a entrevistada (E3): *Uma coisa que você sabe que vai fazer, e ganhar dinheiro, mas que pode se tornar um negócio prazeroso.* A participante (E1) se expressou da seguinte forma: *É a partir dele que eu posso comprar minhas coisas que eu procuro realizar meus sonhos.*

Do outro, comparece o trabalho como um sistema de referência social, no sentido do indivíduo ser útil à sociedade. Nesse contexto assim se expressa a participante (E1): *Eu me sentiria totalmente inútil se eu não trabalhasse.* Têm-se ainda questões relacionadas ao consumo e à possibilidade de ajudar a família. Sobre isso a entrevistada (E2) diz o seguinte: *Só o fato de poder fazer as coisas que eu gosto já é importante, ajudar a família isso pra mim é importante no trabalho.*

O trabalho consiste em uma atividade própria do homem, voltada para atender às suas necessidades que perpassam pelas funções econômicas, sociais e psicológicas. Assim, a partir

do recorte das falas dos entrevistados, vemos aqui o trabalho não apenas como modo de adquirir recursos financeiros e materiais, mas como possibilidade de inserção social, de reconhecimento e de reconhecer-se como sujeito de sua própria existência no mundo.

Conforme Heloani e Lacman (2004, p. 78):

O trabalho assume um papel central na constituição da identidade individual e possui implicação direta nas diversas formas de inserção social dos indivíduos. Nesse sentido o trabalho pode ser visto como fundamental na constituição de redes sociais e de trocas afetivas e econômicas, base da vida cotidiana das pessoas.

Os entrevistados ressaltaram ainda o valor positivo do trabalho como fonte de prazer a quem o executa. Segundo Mendes e Morrone (2002, p. 27):

[...] o trabalho como fonte de prazer pode ser uma das razões pelas quais ganha tanta importância na vida do indivíduo e faz com que a maioria dos trabalhadores não perca o desejo de permanecer produzindo, além de ter, nessa atividade, a oportunidade de realização e de identidade para construir-se como sujeito psicológico e social.

Aliado a isso, o argumento presente na literatura de que "Na sociedade capitalista, o trabalho representa um pré-requisito para a inserção social, de forma que quem não o possui torna-se dispensável ao sistema" (POSSAMAI; CAVAGNOLI; SPADA, 2000, p. 109) também pode ser confirmado a partir das entrevistas. Como destaca Wickert (1999, p.68)

[...] o trabalho passa a ser a via de acesso para o lugar social, pois o sujeito só tem reconhecimento de sua existência, caso produza. Entretanto, quando já não é produtivo a sua locação deixa de existir, pois não tem mais como pagar o "aluguel" social.

Foram investigadas também as consequências atribuídas às situações de sofrimento e as implicações na subjetividade dos entrevistados. A vivência do sofrimento psíquico dos entrevistados é notória. Dentre as consequências do desemprego encontram-se: a) o constrangimento em ter que depender da família. Assim fala a entrevistada (E3): *eu achei que é constrangedor, poxa acostuada a trabalhar, pedir dinheiro para eu sair, a gente se sente assim constrangida*; b) frustração e, ao mesmo tempo, sentimento de não ter valido a pena tanto investimento em um curso de nível superior, conforme relata a entrevistada (E2): *Frustração, passar 5 anos naquele curso. Sai de lá e não conseguir um emprego numa área que eu considerava que tinha campo no mercado de trabalho, aí, eu descobri que não tinha e descobri que os cinco anos que eu*

passei lá tudo foram em vão; c) diminuição da autoestima, como destaca a participante (E3): *Aí, tinha a questão da auto-estima que vinha, baixava*; d) vulnerabilidade às cobranças da sociedade e família. Como pontua o entrevistado (E4) em sua fala: *No meu ponto de vista desemprego é uma das piores coisas que tem, porque a pessoa fica totalmente vulnerável a tudo, ao respeito das outras pessoas, e é uma coisa muito ruim, só a gente desempregado que sabe o quanto é ruim, tanto familiarmente quanto socialmente.*

As questões apontadas pelos entrevistados acerca do sofrimento psíquico advindo do processo de desemprego nos remetem ao que pode ocorrer na vida das pessoas que se encontram sem um trabalho e os impactos na sua subjetividade, conforme destacado pela literatura.

Tal condição de desempregado sujeita o trabalhador à desilusão e à perda de seu valor como cidadão. Nessa perspectiva, o emprego é central porque permite à pessoa participar da sociedade, ele oferece acesso às condições materiais necessárias para garantir a sobrevivência e para projetar uma perspectiva de futuro a ser construído. Privar uma pessoa dessas condições diretamente associadas ao trabalho é relegá-las ao plano da exclusão social, da marginalização tanto material, quanto subjetiva, uma vez que não só há o empobrecimento material, como também há a marginalização da participação social (ACKERMANN. et al., 2005, p. 23).

Assim, "[...] quando o indivíduo encontra-se impedido de trabalhar, ação que na sociedade atual se visualiza através do emprego, se vê impedido de pertencer a um grupo social, fato que causa forte sofrimento psíquico" (WICKERT, 1999, p. 71). O sofrimento dos entrevistados perpassou pelo nível econômico, social e psicológico. Ao se encontrarem fora do mercado estes indivíduos dependem da família para sustentá-los financeiramente, acarretando em constrangimentos e vergonha por não terem como custear suas próprias despesas. Além disso, o fato de estarem formados, mas sem emprego pode gerar frustração, diminuição da auto-estima e sentimento de discriminação pela família e sociedade.

Verificaram-se ainda as estratégias defensivas, utilizadas pelos recém-formados para lidar com o sofrimento. A forma utilizada para minimizar os impactos do desemprego pela participante (E1) foi pedir o apoio do pai, principalmente, como provedor financeiro para suprir suas necessidades básicas e ocupava uma parte do seu tempo distribuindo seu currículo nas instituições *Naquela época meu apoio era meu pai. Não tinha pra onde correr, era pai me dá 10, meu passe acabou, era dessa*

forma. Distribuía currículo sempre.

As entrevistadas (E2) e (E3) criaram alternativas diversas para minimizar o sofrimento. A primeira procurou engajar-se em alguma atividade remunerada diferente da sua área de formação para garantir seu próprio sustento e ajudar a família nas despesas: *Ensinar particular e trabalhar na barraca de lanches. É assim, tem que arrumar alguma coisa pra poder ganhar dinheiro, pra poder ajudar nas despesas da casa, fazer as coisas que eu gosto.* A segunda buscou por mais conhecimento como meio de conseguir um emprego na sua área. *Buscava mais conhecimento para entrar na educação.* Por último, (E4) ocupava o seu tempo livre com os livros, ajudando na sua preparação para enfrentar um concurso público e o mercado de trabalho. *Estudo bastante, de manhã, de tarde, de noite, para vê se aparece alguma oportunidade. Faço concursos.*

Desse modo, após a análise dos dados obtidos nas entrevistas, verificou-se que algumas hipóteses levantadas sobre as estratégias defensivas empregadas pelos desempregados recém-formados foram confirmadas. Dentre elas, a realização de uma pós-graduação e aquisição de mais conhecimento em sua área de formação. Isso porque, se não existe ainda perspectiva de inserção no mercado de trabalho, o indivíduo pelo menos procura uma ocupação do seu tempo e uma forma de se preparar mais para enfrentar o mercado. Além disso, essa estratégia utilizada pelos desempregados tem uma boa receptividade por parte da família, pois existe um incentivo por parte dos familiares para que estes recém-formados continuem sua formação por meio das pós-graduações como uma forma de garantir um lugar no mercado de trabalho.

Sato e Schmidt (2004, p. 368) afirmam que

É possível pensar que essas atividades protegem os indivíduos da angústia frente à ausência de emprego, ocupando-lhes o tempo que seria dedicado ao trabalho, mas, simultaneamente, servem ao tamponamento da reflexão e apreensão crítica de sua situação.

Outra estratégia confirmada é o papel atribuído ao desempregado em procurar emprego e distribuir currículo. Essa estratégia é uma maneira de dar uma satisfação para si mesmo, para a família e sociedade, pois este se encontra em movimento e não será acusado de acomodado ou preguiçoso. Assim, na literatura encontramos autoras como Forrester (1997 apud SATO; SCHMIDT, 2004, p. 367) que diz:

[...] continuamos com rotinas bem estranhas. Não se sabe se é cômico ou sinistro, por ocasião de uma perpétua, irremovível e crescente penúria de empregos, impor a cada um dos milhões de desempregados e isso a cada dia útil de cada semana, de cada mês, de cada ano a procura "efetiva e permanente" desse trabalho que não existe. Obrigá-lo a passar horas, durante dias, semanas, meses e, às vezes, anos se oferecendo todo dia, toda semana, todo mês, todo ano, em vão, barrado previamente pelas estatísticas.

Uma última estratégia encontrada nessas falas é a procura por uma atividade remunerada independentemente da sua área de formação. Após inúmeras tentativas de inserção no mercado de trabalho e de algumas outras estratégias, o indivíduo necessita de algo que o sustente financeira e socialmente. As estratégias evitam que este sofrimento seja convertido em um adoecimento do ponto de vista físico e psicológico, seja atenuando-o, ou ocultando-o em algumas situações. Assim, retoma-se a definição de estratégias defensivas proposta por Dejourns, Abdouchelt e Jayet (1994, p. 128) em que estas "[...] levam à modificação, transformação, e, em geral, à eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer".

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, assiste-se a uma precarização das condições de trabalho, com a diminuição do emprego formal, com carteira assinada e a uma proliferação dos trabalhos precários, informais, contratos temporários, serviços terceirizados e, conseqüentemente, o aumento do desemprego. Esses fatores elencados acima fazem parte da reestruturação produtiva do mercado de trabalho e do avanço do Liberalismo, em todo o mundo. Desse modo, os mais atingidos são aqueles que vendem sua força de trabalho, ou seja, os trabalhadores.

O curso superior tem sido visto como a "salvação" contra o desemprego, além de oferecer melhores condições de trabalho para quem o possui, por isso é tão valorizado em nossa sociedade. A população percebeu o valor atribuído aos estudos por parte do empresariado procurando uma formação, primeiramente no nível de segundo grau, posteriormente, em nível superior. No entanto, tratando-se da realidade econômica do nosso país, o número de pessoas com nível superior é maior do que as vagas oferecidas para quem tem essa escolaridade.

Todas essas transformações pelos quais atravessa o mundo do trabalho refletem diretamente no próprio significado do trabalho na vida das pessoas. O impor-

tante, muitas vezes, é conseguir exercer qualquer atividade que forneça alguma remuneração, mesmo que seja diferente da sua área de formação. Por isso, tem-se tornado comum ver pessoas com nível superior atuando em uma área diferente na qual se graduou, fato que se comprova a partir das falas dos entrevistados.

No que tange à importância do trabalho na sociedade e na vida dos recém-formados obtiveram-se depoimentos condizentes com o que traz a literatura. O trabalho como estruturante do psiquismo humano, capaz de propiciar um reconhecimento diante da sociedade e fornecer remuneração para quem produz, foi ressaltado pelos entrevistados. Aliado a isso, o valor positivo do trabalho, enquanto fonte de prazer, também se fez presente. Todavia, ao se encontrarem fora do modo de produção capitalista, surgem principalmente os sentimentos de inutilidade e de desprestígio perante à família e à sociedade.

Além disso, observaram-se outras vivências subjetivas que remetem à questão do sofrimento psíquico nos recém-formados. Dentre elas, registrou-se o arrependimento por terem optado por um curso que não deu o retorno esperado, quer dizer, um emprego com uma boa remuneração. A frustração por terem feito um investimento pessoal e financeiro durante anos na graduação. As cobranças e pressões da família para que estes consigam um emprego e saiam de casa diariamente para distribuir currículos. Vergonha por ter que depender financeiramente da família para ser um consumidor na sociedade capitalista. Diminuição da autoestima e discriminação da sociedade por não ter um emprego e não poder sustentar sua própria família, no caso dos adultos recém-formados.

Outro ponto abordado refere-se às estratégias defensivas para diminuir os impactos do desemprego. Sabe-se da utilização destas estratégias pelos trabalhadores em condições adversas de trabalho, mas por parte dos desempregados não se tinham registros na literatura. Por isso, levantaram-se hipóteses que puderam ser corroboradas a partir dos dados coletados nas entrevistas. As estratégias utilizadas pelos entrevistados foram a busca por uma pós-graduação e por mais conhecimento em sua área de formação; procura por emprego e distribuição de currículos nas empresas; desenvolvimento de uma atividade remunerada independentemente da área de formação. Tais estratégias tornam-se importantes na vida dos

trabalhadores e desempregados, por ajudar a manter a saúde psicológica e evitar que o sofrimento psíquico torne-se adoecimento.

NOTAS

1. Este trabalho é parte da monografia defendida pela autora para obtenção do grau de Psicóloga.

REFERÊNCIAS

- ACKERMANN, Kátia et al. O desemprego do tempo: narrativas de trabalhadores desempregados em diferentes ambientes sociais. *Cad. Psicol. Soc. Trab.*, v. 8, p. 1-27, dez. 2005. Disponível em: < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpst/v8/v8a02.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2007.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 25, n. 87, 2004. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/%0D/es/v25n87/21460.pdf >. Acesso em: 4 jun. 2007.
- BARROS, Paloma Castro da Rocha; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *PsicoUSF*, v. 8, n.1, p. 63-70, jun. 2003. Disponível em: < pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v8n1/v8n1a09.pdf >. Acesso em: 31 maio 2007.
- DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- DEJOURS, Christophe. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. Tradução: Aacky M. Rodrigues. In: CHANLAT, J. *O indivíduo na organização*. São Paulo: Atlas, 1996, p. 149-173.
- _____. *A banalização da Injustiça Social*. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- GIATTI, Luana; BARRETO, Sandhi Maria. Situação do indivíduo no mercado de trabalho e iniquidade em saúde no Brasil. *R. Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. 1, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n1/27122.pdf> >. Acesso em: 13 mar. 2007.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. *Psicodinâmica do trabalho: o método clínico*

de intervenção e investigação. *Prod.*, São Paulo, v. 14, n. 3, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a08.pdf> >. Acesso em: 21 abr. 2007.

MENDES, Ana Magnólia; MORRONE, Carla Faria. Vivências de prazer-sofrimento e saúde pública no trabalho. In: MENDES, A. M.; BORGES, L. O.; FERREIRA, M.C. (Org). *Trabalho em transição, saúde em risco*. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 2002. cap.1.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 2005.

PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas, SP: Alínea, 2000.

POSSAMAI, Hélio; CAVAGNOLI, Anelize; SPADA, Cassiana. Psicologia organizacional: rompendo velhos paradigmas nas novas relações de trabalho. *Revista de Fil. e Ciências Humanas*, Passo Fundo, ano 16, n.1, p. 105-120, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jerry et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SATO, L. Leny; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Psicologia do trabalho e psicologia clínica: um ensaio de articulação focalizando o desemprego. *Estud. psicol.*, Natal, v. 9, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a19v9n2.pdf>>. Acesso em: 31 maio. 2007.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 14, n. 2, p.72-81, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9791.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2007. Pré-publicação.

TANGUY, Lucie. Do sistema educativo ao emprego: formação: um bem universal?. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 20, n. 67, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a02.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WICKERT, Luciana F. O adoecer psíquico do desempregado. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, v. 19, n. 1, p. 66-75, 1999.